

ENTREVISTA COM LEOPOLDO TOMELIN

A presente entrevista foi realizada em 15 de maio de 2019, vésperas das comemorações dos 70 anos de matrimônio entre o casal Leopoldo e Belandina Tomelin. Leopoldo Tomelin, faleceu recentemente em 2 de junho de 2020. Seu “Poldo”, como era conhecido, foi o último pracinha (combatente da



FEB) de Rodeio a falecer. Em forma de homenagem póstuma e de registro do material a equipe da Diretoria de Cultura e Turismo de Rodeio, sob autorização dos familiares, resolveu publicar a entrevista completa para a revista Blumenau em Cadernos. A entrevista foi realizada por Airton Souza, Maria Eduarda Pegoretti e Romário José Marchi, enquanto que a transcrição foi realizada por Gabriel Dalmolin exclusivamente para este fim.

Ficha Técnica

Entrevistados: Leopoldo Tomelin (L.T.)

Belandina Tomelin (B.T.)

Entrevistadores: Airton Souza (A.S.)

Maria Eduarda Pegoretti (M.P.)

Romário José Marchi (R.M.)

Transcrição: Gabriel Dalmolin

Data: 15 de maio de 2019

ENTREVISTA

M.P. – Como foi a imigração da família de vocês aqui para a cidade de Rodeio?

B.T. – Eu morava no [Rodeio] 32 e ele morava aqui. Eu morava ali sabe, no pé da Abissínia. Nascemos todos lá, a minha mãe teve 8 meninas e 2 rapazes.

A.S. – Como era o sobrenome da senhora?

B.T. – Pisetta.

M.P. – Foi o seu avô que veio morar aqui na cidade na época da imigração?

L.T. – Meu avô que veio da Itália veio morar aqui embaixo né. E o outro avô morava aqui, onde fiz a casa aqui.

A.S. – Como era o nome do avô que construiu essa casa?

L.T. – Não quem construiu a casa fui eu, depois que vim da Itália e ganhei uns trocadinhos lá...

B.T. – Deu pra fazer a casa!

R.M. – Uma história que vocês lembram de quando vocês eram pequenos ou brincadeiras que vocês faziam quando vocês tinham os pais de vocês ainda.

L.T. – Nós íamos na escola aqui em cima, estudei aqui um tempinho depois fui pra Rio Negro (PR), onde tinha o colégio dos padres franciscanos, fiquei três anos lá. Depois vim embora e comecei a trabalhar na roça e coisa. Depois de um tempo fui trabalhar na serraria do Berga, trabalhei cinco anos lá, depois comecei num emprego no Colégio Agrícola. Fiquei dez anos lá.

B.T. – Mas antes tu foi pra Guerra né?!

L.T. – Sim, fui na Guerra antes. No dia do meu aniversário embarquei no navio pra ir pra Itália. No dia do meu aniversário! Dia 21 de setembro eu completava 21 anos né. Teve gente que descobriu, tinha um padre lá que também estava junto, que era de Rio Negro que era professor. Quando o navio começou a sair do Rio de Janeiro, e nós fomos lá em cima olhar. Ficamos olhando assim, daí eu me encostei bem na frente e até achei bonito, o navio ia devagarzinho ainda e olhava pro mar e pro Rio de Janeiro assim. Daí o padre chegou pôs a mão no ombro, eu olhei e ele me perguntou “o que aconteceu que tais aqui”? O que o senhor acha, eu respondi: “dia do meu aniversário e indo pro desconhecido?!” – eu disse pra ele. Mas pra quê?! Ele falou pra todo mundo e fizeram a bagunça lá!

R.M. – Uma história que a senhora gosta de quando era criança?

B.T. – Oh sabe, ajudava meu pai, depois quando tinha 16 anos me colocaram no colégio das irmãs lá em Blumenau, pra aprender as coisas, trabalho manual assim. Daí quase toda semana eu vinha pra cima de Blumenau, porque naquele tempo não tinha ônibus que ia sabe. Então ele me levava até na estação em Ascurra, de carroça, daí eu pegava o trem ia até a estação em Blumenau, depois eu pegava o carro até no colégio. Mas foi um tempo

olha, fiquei dois anos lá, aprender as coisas assim. E olha que a gente passou uma vida assim...Meu Deus! [...] Nós passamos uma infância muito boa sabe, nós não sofremos. Tudo que era de bom, a roupa assim sempre bem vestida. Nós não éramos ricos, mas nós tínhamos a atafona e depois nós tínhamos tantos animais sabe?! Eles tinham porco direto pra vender e graças a Deus nós tínhamos sempre um trocadinho pra gastar né. O pai e a mãe pegava a carroça e ia lá no Schroeder em Timbó, buscar o tecido pra depois a minha irmã fazer a roupa. Naquele tempo tinha gente muito pobre que não ganhava nem um sapato sabe, mas no nosso tempo não, a gente tinha.

R.M. – Como era a cidade aqui quando vocês eram pequenos? Tinha comércio ou alguma coisa?

B.T. – Tinha, mas não era muita coisa. Tinha o Tercílio e depois tinha a Sociedade, ali onde era do Sálvio Berri. Era uma sociedade, eram todos sócios. E daí tinha de tudo lá dentro.

L.T. – Era uma sociedade dos colonos.

B.T. – É mas tinha bem poucas vendas, bem poucas.

R.M. – Então agora indo pra história do senhor lá na Segunda Guerra Mundial. Qual foi o seu sentimento ao saber que foi convocado pra ir pra Guerra?

L.T. – No começo a gente pensava em muitas coisas, depois a gente foi se acostumando aos pouquinhos.

A.S. – O senhor foi no exército antes ou já foi pra Guerra direto?

L.T. – Fui pro exército, eu tinha feito aquele negócio de tiro que tinha em Rodeio. Depois tinha um que trabalhava na Prefeitura, aí fizeram a lista e mandaram pro exército e convocaram aquele pessoal. E primeiro foi uma turminha de Rodeio, depois eu fui sozinho. Primeiro eles foram pra Joinville e eu fui pra Blumenau.

M.P. – Nessa época vocês dois já se conheciam ou foi depois da Guerra?

B.T. – Sim! A gente se conhecia sim.

R.M. – E como foi na Guerra? Ter participado?

L.T. – A viagem foi de 12 dias, porque o navio era grande né. Tinha cinco mil soldados. Daí chegamos em Nápoles e depois ficamos três dias por lá e depois fomos para Livorno. Porque o navio era grande, não podia navegar e tinha uma parte que estava todo dominado e um navio grande assim eles podiam atacar uma granada e afundava um navio daqueles lá. Depois ficamos um mês mais ou menos lá, só sei que fomos pra linha de frente no dia 1º de dezembro à meia noite em Monte Castelo, lá nas montanhas.

A.S. – Conseguiram dominar Monte Castelo naquela época?

L.T. – Sim daí ficamos um tempo lá em Monte Castelo, depois começou a neve, aí não ficamos mais. Descemos um dia antes do Natal e eu tive que ir pro Hospital, fiquei com o pé congelado. A neve era demais. E depois os americanos deram a roupa diferente, porque os do Brasil eles deram a roupa de verão lá na neve. Fiquei 10 dias no Hospital, e teve uns que ficaram mais. Teve gente que perderam os pés! Pra não perder os pés eu fazia muita massagem e ajudava. Depois ficamos um bom tempo em Monte Castelo, não lembro quanto tempo.

A.S. – O senhor participou com na Guerra com o Leopoldo Tambosi, com o Dallarosa também? Vocês ficavam juntos aí ou era outro regimento?

L.T. – A gente era um pouco separado, mas a gente se encontrava às vezes.

B.T. – O Dallarosa era enfermeiro o outro era outra coisa, já ele foi na linha de frente mesmo.

L.T. – Ah sim, eu fiquei cinco meses na linha de frente. Monte Castelo era lá em cima do morro, mas era tudo pasto pros animais, aqueles carneirinhos lá. Nós gostávamos muito de andar de noite fazer a patrulha, era arriscado, só que não ficávamos na trincheira depois. Quando voltava da patrulha a gente ia deitar ali em qualquer lugar. Depois conquistamos Monte Castelo e fomos até Montese.

R.M. – E o senhor tinha algum medo?

L.T. – Ah depois de um tempinho que estava lá a gente se cuidava e tudo, mas não fazia mais nada. Depois de Monte Castelo, aí fomos em Montese. Eu não sei eu queria contar umas coisas mas... Quando, três dias antes de embarcar eu fui no Correios postar uma carta e eu pisei nuns negócios assim e eu olhei e tinha uma Nossa Senhora Aparecida, um

santinho, e botei no bolso. Acho que aquela me ajudou porque num combate os que estavam junto comigo, aqueles eles ficaram tudo lá. E uma granada caiu em menos de dois metros da minha cabeça. Fiquei quase meia hora dentro de um buraco, escondido.

R.M. – Certo, então o senhor voltou da Guerra, chegou aqui em Rodeio e depois vocês se reencontraram. E como surgiu esse amor de vocês dois? Como vocês se conheceram?

B.T. – Então, como eu te digo eu morava ali no 32 e ele morava aqui. Porque uma vez a gente tinha meio assim...Mas depois ele foi pra Guerra e pronto a gente esqueceu tudo. Mas depois a gente se encontrou de novo.

L.T. – Teve uma festa lá no morro da Abissínia, mas depois foi tempo ainda. Nos casamos em 1949.

A.S. – São quantos anos, então?

B.T. – 70 anos de casados!

R. M. – E quantos filhos vocês tem?

B.T. – Eu tive um aborto e depois seis filhos. Agora tenho dois rapazes e três meninas. Um mora em Camboriú e o outro em Florianópolis. As meninas então, a Daura mora em Timbó, a Dilma mora ali sabe, e a Dalila mora lá dentro.

R.M. – Sim e você tem netos ou bisnetos?

B.T. – Eu tenho nove netas e só um neto. Só um neto veio! O Gelásio só que tem um menino e a Daura tem duas meninas, a Dilma tem três meninas e a Dalila tem três meninas. Só veio mulher! A Dilma tem três, então uma é veterinária, uma é formada em Comércio Exterior que ela trabalha em Itajaí e é casada e uma é modelo e mora em São Paulo. E a Daura, aquela que mora em Timbó, elas tem duas dentistas e uma é casada com outro dentista.

R.M. – E do que vocês mais sentem falta de antigamente?

B.T. – Sabe nós sempre vivemos bem, eu trabalhei de costureira e tal.

L.T. – Até charuto eles vendiam, dava aula de costura e outras coisas.

B.T. – É porque só viver da roça não dava. Depois então ele foi nomeado pra trabalhar em Camboriú, lá no Colégio Agrícola, só fazia mimeógrafo.

A.S. – O senhor vinha todo fim de semana pra cima?

L.T. – É vinha de sábado pra cá e de segunda ia pra baixo. Depois no fim era até obrigado a dar aula pros alunos, mas eles só queriam saber daquele negócio de Guerra. Daí eles davam uma aula e coisa eu era obrigado a ir lá falar. Era conversa de uma aula inteira, sobre a Guerra. Quando a gente falava ninguém se mexia. Todo mundo quietinho! (Risos). Até que enfim depois veio a minha reforma.

A.S. – A reforma veio só depois de anos?

L.T. – Sim, veio só depois. É que tinha gente lá que não queria, então primeiro tinha um general que trabalhava em Curitiba, de encarregado, e ele falou que em pouco tempo ele ia fazer pra gente né. Depois ele foi pra Lages e depois veio outro e aquele então não queria nada. Daí um dia eu estava em Camboriú e vieram perguntar porque todo mundo respeitava a gente e coisa, então ele disse para irmos lá pra saber porque não aposentaram a turma né. Então foi em janeiro e fomos lá, mas não deixaram falar com o general. No final nós queríamos saber porque o outro general não queria falar com nós, mas não deu em nada. Mas deu um tempo depois e eles deram a aposentadoria. Fui como segundo-tenente!

R.M. – Qual o segredo pra um casamento tão bonito que nem de vocês de 70 anos?

L.T. – Tem que ter paciência de um lado e do outro.

B.T. – É verdade, quando se une e se ajuda um com o outro sabe, porque tem muitos que não se mexe, a mulher tem que fazer tudo pro marido. Sabe?

A.S. – Agradecemos aos dois pela entrevista e pela aula de história e de exemplo de vida que vocês deram a todos nós. Muito obrigado!

L. T. – De nada.

B.T. – Por nada, nós que agradecemos a visita.